

SOBRE ESCOLAS INCLUSIVAS: OS CADERNOS ESCOLARES COMO FONTE DE PESQUISA

Geovana Mendonça Lunardi **Mendes** – UDESC

O presente trabalho aponta alguns dos resultados da pesquisa desenvolvida no âmbito do projeto: *Cultura Escolar e Inovação Curricular nas Escolas Inclusivas*. Nele buscamos identificar a cultura escolar construída diante da inclusão de crianças com deficiência em salas de aula regulares, tendo como foco de investigação as produções e registros realizados nos cadernos escolares.

Mas o que são cadernos? A definição do conceito é simples, trata-se de

um conjunto de folhas costuradas de antemão em forma de livro que formam uma unidade ou volume e que são utilizados com fins escolares e que podem ou não ter a capa personalizada ou padronizada; grandes ou pequenos; com linhas ou não; com margens, espessuras e folhas diferentes. (VIÑAO FRAGO, 2008, p.19-20).

A partir de estudos como o de Hébrard (apud Mignot, 2008) e de Gvirtz (1997), os cadernos escolares começaram a ser compreendidos como uma relevante e significativa produção escrita, com pistas importantes sobre o cotidiano escolar.

Para a pesquisa empírica, é importante destacar que embora se tenha registro de estudos com cadernos escolares que ultrapassam a marca de quinhentas unidades, optamos por realizar aquilo que Viñao Frago designa como um microestudo: “existem microestudos de casos considerados significativo e representativos e dos quais se podem extrair conclusões em relação a um ou mais temas concretos.” (2008, p.18)

Realizamos a pesquisa em 03 (três) escolas estaduais de Santa Catarina, no Município de Florianópolis. Nesses campos tivemos autorizado para material de pesquisa as produções de 06 (seis) alunos com deficiência. Coletaram-se também cadernos de alguns alunos ditos “normais” que cursavam a mesma série de seus respectivos colegas com deficiência.

Ao todo, tivemos acesso a 35 (trinta e cinco) cadernos escolares, sendo 24 (vinte e quatro) cadernos de crianças ditas “normais” e 11 (onze) cadernos de crianças com deficiência.

Metodologicamente, utilizamos do recurso de fotografia dos materiais produzidos (cadernos e materiais escolares) pelos alunos, construção de Tabelas de

Observação, seguindo o exemplo feito por Rubio (2008), já que este tipo de tabela facilita a apreciação de registros, podendo ocasionar a verificação de diferentes fatos que vão dando seqüência à pesquisa, e elaboração de tabelas quantitativas e comparativas a partir da apreciação da Tabela de Observação.

A metodologia de análise dos cadernos coletados considerou três pontos principais: as características físicas dos cadernos, expressa pela sua materialidade; o currículo expresso pelas ênfases de conteúdo, tipos de atividade; e as inovações, adaptações ou modificações curriculares encontradas nos cadernos escolares dos alunos com deficiência em comparação com os demais.

No âmbito deste texto, apresentaremos alguns dos dados relativos aos dois primeiros aspectos.

1. Sobre os “donos” dos cadernos...

Os materiais coletados são de alunos (as) do 1º ao 4º ano do ensino fundamental, ingressos de turmas compostas por vinte e cinco alunos em média e com idades entre sete e quinze anos. São turmas mistas e com diferentes níveis de desenvolvimento cognitivo (conforme afirmado pelas professoras).

Visando discutir aspectos considerados relevantes da pesquisa, elaboramos fichas com algumas informações fornecidas pelas professoras dos alunos com deficiência, na intenção de facilitar as análises dos materiais coletados em campo de pesquisa.

Em linhas gerais, podemos identificar que foram investigados os materiais das seguintes crianças com deficiência: 2 (duas) crianças, sem diagnósticos, mas encaminhadas ao atendimento especializado como com condutas típicas; 1 (uma) criança com Síndrome de Down; 1 (uma) Deficiência Mental Moderada e Deficiência Visual leve; 1 (uma) criança com Encefalopatia Crônica; e 1(uma) criança com Autismo.

Todas essas informações foram coletadas com base nas entrevistas realizadas com as professoras regentes e com as professoras especializadas das classes em que as crianças estavam inseridas. No caso das crianças com deficiência, entendemos que tais informações são muito relevantes, pois nos possibilitam a análise do tipo de atividade desenvolvida no caderno e de suas condições objetivas de trabalho, a partir da caracterização feita pelas professoras.

2. Sobre os cadernos e sua materialidade...

A partir do primeiro ponto de análise – características físicas dos cadernos – constatou-se que não há uma padronização, os cadernos apresentam tamanhos distintos, capas diferenciadas, maior ou menor quantidade de folhas, união das folhas feita por espiral ou costura, e diversas outras peculiaridades.

Grande parte dos alunos possuíam um caderno para cada disciplina, todavia, a maioria das crianças com deficiência utilizava o mesmo caderno para todas as matérias escolares.

Assim ao analisar a materialidade dos cadernos focando na questão dos seus aspectos físicos verificou-se que essas características são diversas. Entretanto, não encontramos nessa diversidade um tipo de caderno específico para crianças com deficiência. O tipo de materialidade encontrada nos cadernos foi o mesmo nos dois grupos de crianças.

Se por um lado isso nos aponta dados positivos, como a ausência de segregação, na medida em que as crianças partilham de uma mesma materialidade da cultura escolar, por outro nos mostra o quanto a identidade de “aluno” é mediada por essa materialidade. A preocupação com essa questão refere-se ao fato de que é necessário para algumas crianças, constituírem outros tipos de registros escolares, em função de suas características físicas e pelo que percebemos nem sempre isso é possibilitado no cotidiano escolar.

Os cadernos nos mostram que, por eles, ou apesar deles, há uma cultura escolar que mesmo na diversidade de sua materialidade, em sua essência, privilegia um modo típico de registro independente do desenvolvimento da criança.

3. Sobre os conteúdos dos cadernos: primeiras análises.

Observando os cadernos das crianças “normais” do quarto ano da escola E1, percebemos que de maneira geral, são cadernos com muitos registros escolares. Há uma ênfase nos conteúdos de português, a análise feita pela tabela quantitativa nos revela que em menos de um semestre letivo foram realizadas 10 (dez) cópias e interpretações de textos, 8 (oito) ditados e somente a produção de 3 (três) redações, além de outras atividades referentes à escrita. Muitas atividades de matemática também são encontradas, com destaque para a resolução de contas de multiplicação que aparecem 13

(treze) vezes. Conteúdos de história, geografia e ciências foram localizados em pouquíssima quantidade.

Nos cadernos das crianças com deficiência verificamos a existência de conteúdos desconexos dos dados aos alunos ditos “normais” e atividades repetitivas, como 16 (dezesesseis) pinturas de desenhos e 14 (catorze) recorte e colagem de gravuras. Além disso, constata-se que são registradas várias atividades que não podemos afirmar que foram as crianças que realizaram, 3 (três) Palavras-cruzadas e Caça-palavras, 03 (três) textos colado no caderno, 3 (três) Escrever os nomes das figuras, 2 (dois) escrever o que está acontecendo no desenho colado no caderno e 1 (um) cópia de texto, pois em conversa com a professora fomos informados que essas crianças não sabem ler ou escrever sozinhas.

Na Escola E2 a criança com deficiência não tem produção escrita e seu o caderno foi pouco utilizado, contendo apenas algumas folhas fotocopiadas coladas nas páginas e garatujadas com lápis de cor.

Os materiais dos alunos da Escola E3 nos mostram novamente a ênfase na escrita, 14 (catorze) cópias e interpretações de textos, enquanto a produção de redações se resume a 3 (três). Igual as demais escolas, a matemática aparece em segundo lugar, 15 (quinze) resoluções de contas de multiplicação adição e subtração e 6 (seis) tabuadas. Os conteúdos de ciências são um pouco mais abordados nesta instituição, porém, os cadernos nos mostram que o ensino se resume a 12 (doze) cópias de textos sobre conteúdos da disciplina, 12 (doze) questões e 12 (doze) desenhos sobre conteúdos da disciplina. Não há cadernos de história e geografia, o que encontramos foram cadernos de datas comemorativas que nos apontam 6 (seis) cópias de textos sobre datas comemorativas e 6 (seis) desenhos sobre datas comemorativas.

Os cadernos das crianças com deficiência dessa instituição apresentam pouco conteúdo, 3 (três) recorte e colagem de figuras, 4 (quatro) desenhos e, mais uma vez, solicitação de exercícios que não podemos assegurar que foram feitos pelas crianças, uma vez que a professora nos informou que a criança não apresenta capacidade de escrita e se recusa a realizar as atividades.

Com base nessa pequena amostra, das atividades colhidas, já podemos inferir que não encontramos “inovações” curriculares nos registros feitos nestes cadernos. Algumas vezes nos deparamos com os mesmos problemas suscitados pelo ensino regular, com técnicas de cópia da lousa, folhas impressas coladas no caderno, conteúdo

desconexo do que está sendo ensinado para os alunos dito “normal”, ou quando relacionado, está distante da real capacidade cognitiva do aluno especial.

Percebemos que as atividades desenvolvidas com estes alunos, de forma geral, são para “encaixá-lo” nos espaços regulares constituídos pela cultura escolar, como por exemplo, permanecer sentado em sua cadeira, em silêncio.

Identificamos com isso a necessidade de mudança de algumas regras postas pelo currículo vigente, como por exemplo, as carteiras enfileiradas, a ordem do conteúdo das disciplinas, a quantidade e divisão da aplicação dos conteúdos disciplinares, etc., ou seja, modificar o espaço, a ordem, os horários das aulas e das atividades deve ser possível quando estas mudanças favorecerem todos os alunos. Porém, é importante compreendermos que,

mais do que escrever novas prescrições para as escolas, um novo currículo ou novas diretrizes para as reformas, elas precisam questionar a verdadeira validade das prescrições predeterminadas em um mundo em mudança. Em resumo, precisamos mudar de um currículo prescritivo para um currículo como identidade narrativa. (GOODSON, 2007, p. 242)

Entendemos que a inserção das crianças com deficiência nos espaços regulares de ensino, deveriam gerar modificações dessa natureza.

Percebemos pela produção encadernada dos alunos deficientes, que o currículo que materializam é em alguns aspectos distinto daquele apresentado pelo alunos ditos normais. No entanto, essa distinção precisa ser diversificada também na materialidade dos registros. A identidade de “aluno” depende dessa materialidade; para se sentir incluído, ele precisa de um recurso que esteja ao seu alcance, de um recurso que lhe possibilite uma maior realização como aluno pertencente ao conjunto escolar.

Nossa investigação tem percorrido estas questões e estes dilemas pertencentes à jovem Educação Inclusiva. O estudo do conteúdo dos cadernos está em sua última etapa e a análise detalhada e precisa do que está sendo materializado por estas crianças e se já existem inovações curriculares neste contexto ajudará neste debate.

Referências:

GOODSON, Ivor. **Currículo, Narrativa e o Futuro Social**. Revista Brasileira de Educação. V.12, n.35 –2007.

GVIRTZ, Silvina. **El discurso escolar a través de los cuadernos de clase**: Argentina 1930 y 1970. Buenos Aires: Eudeba, 1999. p 09-53

MIGNOT, A. C. (org). **Cadernos a vista: escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2008.

RUBIO, Ana Maria Badanelli. A estética e as ilustrações nos cadernos escolares: o caso de uma escola de meninas na Espanha franquista. In: MIGNOT, A. C. (org). **Cadernos a vista: escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2008.

VINÃO FRAGO, Antonio. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos, In: MIGNOT, A. C. (org). **Cadernos a vista: escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2008.